

Quais são as fronteiras entre a biografia e a história, a ficção literária e a verdade dos fatos?

A historiadora Sabina Loriga decidiu examinar a obra de pensadores que, ao longo do século XIX, buscaram restituir a dimensão individual da história: três historiadores (Thomas Carlyle, Wilhelm von Humboldt, Friedrich Meinecke), um historiador da arte (Jacob Burckhardt), um filósofo (Wilhelm Dilthey) e um romancista (Leon Tolstoi).

Mas que história é essa de "pequeno x"? A fórmula é do grande historiador alemão Johann Gustav Droysen, que, em 1863, escreveu que, se chamamos de *A* o gênio individual (aquilo que alguém é, possui ou faz), então podemos dizer que *A* é a soma de *a* + *x*, em que *a* designa o que vem das circunstâncias exteriores (país, época, etc.) e *x* resulta do talento pessoal, obra da livre vontade.

Muitos foram aqueles que, desde então, exploraram esse "pequeno x". Como ele se forma? Ele é inato? Que papel a pessoa singular desempenha na história? Como se deve apreender a relação entre o indivíduo, seu gênio e o movimento geral da história?

Esta obra de Sabina Loriga assinala o retorno da biografia, abandonada por muito tempo, ao campo das pesquisas históricas.



autêntica

UNIMARCELLO CO. &



O PEQUENO X: DA BIOGRAFIA À HISTÓRIA

Sabina Loriga

autêntica



O PEQUENO X DA BIOGRAFIA À HISTÓRIA

Sabina Loriga

COLEÇÃO HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

autêntica

Coleção
HISTÓRIA & HISTORIOGRAFIA

Coordenação
Eliana de Freitas Dutra

Sabina Loriga

O pequeno x
Da biografia à história

Tradução
Fernando Scheibe

autêntica

Copyright © Editions du Seuil, 2010.
Collection *La Librairie du XX^e siècle*, sous la direction de Maurice Olender.
Copyright © 2011 Autêntica Editora

TÍTULO ORIGINAL

Le petit x – De la biographie à l'histoire

COORDENADORA DA COLEÇÃO HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA

Eliana de Freitas Dutra

PROJETO GRÁFICO DE CAPA

Teco de Souza

(Sobre imagem A cor do invisível, Wassily Kandinsky)

EDITORACÃO ELETRÔNICA

Conrado Esteves

Christiane Moraes de Oliveira

REVISÃO TÉCNICA

Vera Chacham

REVISÃO

Vera Lúcia De Simoni Castro

Lira Córdova

EDITORA RESPONSÁVEL

Rejane Dias

Revisado conforme o Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

AUTÊNTICA EDITORA LTDA.

Belo Horizonte

Rua Aimorés, 981, 8º andar Funcionários

30140-071 . Belo Horizonte . MG

Tel : (55 31) 3222 6819

Televentas: 0800 283 13 22

www.autenticaeditora.com.br

São Paulo

Av. Paulista, 2073 . Conjunto Nacional

Horsal. 11º andar Conj. 1101 Cerqueira César

01311-940 São Paulo . SP

Tel : (55 11) 3034 4468

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Loriga, Sabina

O pequeno x : da biografia à história / Sabina Loriga; tradução Fernando Scheibe. – Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2011. – (Coleção História e Historiografia / coordenação Eliana de Freitas Dutra, 6)

Título original: *Le petit x – de la biographie à l'histoire.*

ISBN 978-85-7526-565-9

1. Biografia (Gênero literário) 2. História - Filosofia 3. Historiografia - História - Século 19 I. Dutra, Eliana de Freitas. II. Título III. Série.

11-08584

CDD-907 2

Índices para catálogo sistemático:

1. Biografia e história 907.2

para M. M. U.
no cruzamento das genealogias

descritiva", segundo a qual a narração representaria um princípio organizador da vida e da ação humana (para responder à questão "quem sou eu?" é preciso contar a história de uma vida). De outro, a "tese normativa", segundo a qual a narração constituiria uma condição de eticidade (a busca do relato biográfico sendo percebida como essencial à conduta responsável no espaço público). Assim, após ter distinguido o eu episódico do eu diacrônico, ele postula que certas pessoas podem perfeitamente conceber-se de um modo não narrativo, e que não há nenhuma necessidade psicológica ou moral de se conformar a ele. Sem abordar diretamente o problema da biografia, Strawson sugere, portanto, que as noções de relato e de personalidade são convencionais, ultrapassadas, e que uma descrição da realidade pode perfeitamente se poupar delas. A crítica da narratividade vai de par com a crítica da história: "Sou um produto de meu passado. Mas não segue daí que a compreensão do que sou deva necessariamente revestir uma forma narrativa ou histórica".⁶¹⁵

Com vinte anos de distância, as críticas de Bourdieu e de Strawson repousam sobre argumentos diferentes e não se dirigem aos mesmos interlocutores: enquanto o primeiro se interessava essencialmente pelo uso que as ciências sociais fazem dos relatos de vida, o segundo intervém no debate filosófico e cognitivista sobre a natureza – real ou fictícia – do si. Seus argumentos convergem, entretanto, em pelo menos três pontos importantes.

Em primeiro lugar, o ato biográfico é apresentado por ambos como de natureza narcísica. Bourdieu o diz explicitamente, enquanto Strawson o sugere quando escreve que os representantes do que chama de "maioria pró-narração" (Paul Ricoeur, Charles Taylor, Alisdair MacIntyre, Oliver Sacks, Jerry Bruner, Dan Dennet, Maria Schechtman e John Campbell) estão animados por um sentimento agudo de sua importância pessoal.

Em segundo, ambos apresentam o relato como uma forma rígida, que imporia inevitavelmente uma coerência fictícia à vida.

⁶¹⁵ Galen Strawson, "Against Narrativity" (2004), in Galen Strawson, *The Self?*, Malden (Mass.), Blackwell Publishing, 2005, p. 63-86. Cf. também Galen Strawson, "A Fallacy of our Age. Not Every Life is Narrative", *Times Literary Supplement*, 15 de outubro de 2004, p. 13-15.

Outras formas narrativas são, sem dúvida, evocadas – especialmente a escritura de vanguarda e o gênero picaresco –, mas a argumentação visa sobretudo a narração dita tradicional. Bourdieu assimila a história ("falar de histórias de vida é pressupor ao menos que a vida é uma história") à coerência ("a 'vida' constitui um todo, um conjunto coerente e orientado"). Strawson, por sua vez, estima que a narração encerra a existência no seio de uma unidade de sentido. Nos dois casos, a vida é considerada como um material psíquico que a escritura elabora retrospectivamente impondo-lhe uma estrutura arbitrária: toda narração implicaria assim um processo de revisão e de manipulação da existência mais ou menos consciente.

Enfim, é uma imagem fragmentada do indivíduo que se depreende desses dois textos. Bourdieu afirma que o único suporte constante da individualidade é o nome próprio, a fim de negar mais eficazmente a iniciativa individual, assimilar os comportamentos pessoais e exaltar as coações normativas, a força do *habitus*. Strawson é mais audacioso. No seu elogio do episódico e da descontinuidade, ele chega a apagar a estratificação temporal da experiência:

Tenho clareza de que os acontecimentos de meu passado mais recuado não se relacionam comigo. [...] Isso não significa que eu não tenha nenhuma lembrança autobiográfica dessas experiências. Recordo-as [...]. Mas penso estar no justo e no verdadeiro quando penso que [essas experiências] não me aconteceram.⁶¹⁶

Para além do que os separa, tanto Bourdieu quanto Strawson me parecem prisioneiros de uma dicotomia estrita entre um eu metafísico, concebido como uma essência estável e permanente, e um eu nominal, que seria apenas uma realidade convencional, um ajuntamento de peças díspares.

IV

Parece-me que a reflexão sobre a narração biográfica desenvolvida pelos pensadores do século XIX nos preserva de uma visão individualista do indivíduo – e, portanto, da biografia. Não se trata aí de um simples jogo de palavras. Ao longo do século XX, o contraste entre o

⁶¹⁶ Galen Strawson, "Against Narrativity", *op. cit.*, p. 68.

individual e o social frequentemente se fixou, como que mumificado, em duas não verdades opostas: uma escolha deveria ser feita, seja em favor do indivíduo, seja em favor do coletivo.⁶¹⁷ A tal ponto que hoje, por razões que não derivam apenas do debate historiográfico, longe disso, as noções de indivíduo, de pessoa e de sujeito desencadeiam automaticamente dois sinais de alarme: o mais antigo alerta contra a ideia de grandeza e de heroísmo, o mais recente contra o egoísmo e o narcisismo. No entanto, os defensores da dimensão individual da história nem sempre se deixaram extraviar pela retórica da grandeza e, sem dúvida, não teriam partilhado a vulgata neoliberal sobre os direitos do indivíduo (que culminou, não faz tanto tempo, na famosa patacoada de Margaret Thatcher: “Não conheço nenhuma sociedade, para mim há apenas indivíduos”). Além do herói, cruzamos com figuras complexas, ambivalentes e mais sensíveis – tais como o “eu que aspira ao tu” de Humboldt, a pessoa ética de Droysen, o homem patológico de Burckhardt: cada uma a sua maneira nos permite escapar à lógica simplista do ou/ou e nos aproximarmos do e/e.

Essas figuras nada têm de autárquico. Burckhardt esclarece que um excesso de subjetividade – ou seja, de arbitrariedade e de intencionalidade – suprime as individualidades (donde suas perplexidades diante da arte de Michelangelo) e que o essencial, na escritura histórica, reside na proporção entre as diferentes presenças humanas. E Humboldt, Droysen, Hintze reconhecem a dependência substancial do indivíduo. Uma dependência que não significa *pertencimento*. Ao longo de diversos decênios, assombrados pela obsessão de catalogar os seres humanos (pela nacionalidade, pela cultura, pela raça – depois pela cor, o ângulo facial, o índice cefálico e outros), esses historiadores não cessaram de dizer e de repetir que cada indivíduo é uma pluralidade, uma estratificação temporal, comportando inevitavelmente algo de bastardo e que não é suscetível de ser arrumado num só e mesmo compartimento. Naturalmente, a relação indivíduo-comunidade é declinada de diversas formas. Alguns autores consideram o ser humano como uma soma de duas

Cf. Norbert Elias, *La Société des individus* (1987), traduzido do alemão por Jeanne Étoré, Paris, Fayard, 1991.

substâncias separadas: de um lado a dimensão individual, do outro a dimensão social. Outros preferem tramas mais profundas ou imagens mais fluidas. Eles nos fazem compreender que o eu não é nem uma essência nem um dado invariável, mas uma entidade frágil, que se desenvolve na relação com os outros.

É daí que procede a distinção fundamental proposta por Dilthey entre a noção de “identidade” (*Identität*) e aquela de “mesmidade” (*Selbigkeit*). Contrariamente à identidade (termo proveniente do baixo latim que deveria exprimir o caráter do ser em si, o *semper idem*, e que fez um retorno obsessivo durante esses trinta últimos anos), a mesmidade tem dimensão temporal. Desse ponto de vista, a história não é apenas compreendida como uma disciplina ou uma profissão, mas como um elemento primordial da formação (no sentido alemão de *Bildung*) social e política de cada indivíduo.⁶¹⁸ Ela é a condição *sine qua non* para que alguém se afirme como sujeito. É nesse sentido que Burckhardt escrevia que a história é um fato pessoal que deriva do conhecimento que o homem tem de si mesmo,⁶¹⁹ e que Meinecke lembrava que os autores mais sensíveis aos destinos individuais são aqueles que percebem o alcance da história sobre sua vida pessoal.⁶²⁰ De acordo com tal concepção, tão pouco heroica e tão pouco narcísica, a biografia não é de modo algum uma forma de escritura egótica. Bem pelo contrário, é a ocasião de apreender a densidade social de uma vida.

Essa reflexão sobre o indivíduo, fundada sobre a ideia de *Bildung*, dá lugar a uma definição dinâmica e não substancial das diferenças. Trata-se de um ponto particularmente importante, que contrasta com uma visão naturalista que repousa sobre os conceitos de origem, de pertencimento e de identidade (social, nacional, racial ou sexual). Ela nos convida a considerar a diferença como

⁶¹⁸ Essa perspectiva foi retomada pela psicanálise. Sobre a noção de consciência e de sujeito na abordagem psicanalítica, cf. Paul Ricoeur, *De l'interprétation. Essai sur Freud*, Paris, Editions du Seuil, 1965, livro III, cap. 2. Cf. também Michèle Bompard-Porte, *Le Sujet. Instance grammaticale selon Freud*, Paris, L'Esprit du Temps, 2006.

⁶¹⁹ Jacob Burckhardt, *Le Cicerone*, op. cit., p. XIX.

Friedrich Meinecke, “Die Bedeutung der geschichtlichen Welt”, op. cit. Cf. a esse respeito Alexandre Escudier, “De Chladenius à Droysen. Théorie et méthodologie de l'histoire de langue allemande (1750-1860)”, *Annales*, 2003, 58, 4, p. 773-775.

uma noção relacional: não é mais questão aqui de substância ou de determinação original, mas *somente* de experiências.

Além disso, os pensadores do século XIX eram menos ingênuos do que por vezes se pensa e muitos deles estavam bastante conscientes do risco a que se expunham atribuindo à vida uma coerência ou uma coesão forçada. Desejoso de ir além da superfície factual do passado – os acontecimentos políticos, militares ou de corte –, Carlyle compreende bem que a História não é uma sequência coerente de fatos, mas que ela é feita de um encavalamento de fios entrelaçados ao longo do tempo. Entretanto, ele nos indica, com outros autores, que a ilusão biográfica não é o único obstáculo. Dois outros perigos devem ser evitados.

O segundo concerne à lógica do pertencimento (religioso, social, temporal, etc.), que, de bom grado, inscreve o indivíduo em categorias sociais rígidas, ou que escande sua experiência de acordo com um calendário de acontecimentos históricos estabelecidos *a priori* (o advento da democracia, a ascensão do capitalismo, a independência nacional, etc.).⁶²¹ Sobre esse ponto, a História tem muito a aprender, parece-me, com a literatura. Sensível aos impulsos incoerentes, frágeis e fragmentados da vida social, Tolstoi escreve que os acontecimentos não têm sempre a mesma significação e que os indivíduos vivem a História segundo modalidades muito diferentes e quase incomparáveis. Como testemunham os relatos pungentes do livreiro Mendel de Stefan Zweig, ou do antiquário Utz (uma espécie de descendente do primo Pons de Balzac) de Bruce Chatwin, que vivem as guerras, os golpes de Estado e as expulsões como vagos ruídos de fundo, esse tema das discordâncias de significação que atravessam a história coletiva assombra uma boa parte da literatura do século XX.⁶²²

O terceiro risco é aquele de uma visão esfacelada, fragmentada da vida, como uma série de clichês instantâneos: a experiência individual seria fracionada em compartimentos estanques (a família,

o trabalho, a escola, a religião, etc.) e o eu seria assim desprovido de toda espessura temporal. Dilthey evoca esse risco em sua crítica da psicologia de seu tempo.⁶²³ Convencido de que o fato de ser *autor*, de se contar – mesmo que de maneira descontínua e episódica – constitui uma das condições necessárias para viver, parece-lhe decisivo aplicar-se em reconstruir o fio dos pensamentos que um indivíduo trança entre uma situação e outra.

Somente levando em consideração esses três perigos é que podemos pensar o indivíduo ao mesmo tempo como ser impregnado de história e “inteligência que considera e analisa tudo isso” – William Jamesalaria aqui de uma “inteligência inteligente”.⁶²⁴

V

Abordemos agora a relação problemática entre a biografia e a História. A vida de um indivíduo pode esclarecer o passado? Os testemunhos pessoais permitem formular hipóteses de ordem geral? E, além disso, o que é importante na vida de uma pessoa e o que não é? A partir do que apreciá-la e como dar conta dela? É preciso levar em conta a liberdade, a independência nacional, a democracia, ou o exército, a escola, a família, ou ainda a classe social, o capitalismo, ou talvez mesmo outros indícios como o barulho, a doença, a poluição?...

E com base nessas questões, no coração mesmo dessas interrogações, que se desenvolveu a micro-história. Essa experiência historiográfica contribuiu, assim como a história das mulheres e os trabalhos que versam sobre a cultura popular, para restituir aos vencidos da

⁶²¹ É igualmente o sentimento que se pode depreender do artigo de Strawson e de certas análises do interacionismo simbólico, da etnometodologia e da *network analysis*, que concebem o eu como um produto *hic et nunc* determinado pelo contexto relacional contingente, pelo “outro situacional”. Cf. Sabina Loriga, *Soldats. Un laboratoire interdisciplinaire: l'année piémontaise au XVIII^e siècle* (1991), Paris, Les Belles Lettres, 2007, introdução.

⁶²⁴ William James (*The Principles of Psychology* (1890), Cambridge (Mass.), Harvard University Press, 1983, cap. 1) constata que, contrariamente à limalha de ferro, que, em presença de um obstáculo, não consegue atingir o imã, Romeu imagina toda sorte de meios para encontrar Julieta: “Eles não ficariam tolamente cada um de seu lado, o rosto pressionado contra a parede”. Esse ponto de vista é também o de Siegfried Kracauer, *Jacques Offenbach ou Le Secret du Second Empire* (1937), traduzido do alemão por Lucienne Astruc, Paris, Le Promeneur, 1994: Offenbach é apresentado a um só tempo como uma sorte de ferramenta de precisão, reveladora das menores transformações sociais, e como um protagonista capaz de exercer influência modificadora sobre o regime.

⁶²² Sobre o pertencimento temporal, cf. as observações de Jacques Rancière, “Le concept d’anachronisme et la véné de l’historien”, *L’inactuel*, 1996, 6, p. 53-68.

⁶²³ Outro bom exemplo é aquele do agente florestal Engelber (personagem de *Monstro à explosão*, do escritor tcheco Jaromír John), evocado por Milan Kundera em *Le Rideau. Essai en sept parties*, Paris, Gallimard, 2005. O acontecimento principal de sua vida não é nem o nascimento da República independente, nem alguma invenção técnica (o avião, o telefone, o aspirador, o telégrafo), mas simplesmente o barulho.